

Não basta ir aos feirões para renegociar dívidas. É preciso haver mudanças

Regina Pitoscia/Equipe Seu Dinheiro

Novembro é o mês em que surgem vários feirões para a renegociação e acerto de dívidas em atraso. Não por acaso é também o mês em que milhões de brasileiros recebem a primeira parcela do 13º salário. E para quem está endividado, e até com o nome sujo na praça, dificilmente haverá um uso mais adequado para esse dinheiro extra do que colocar as contas em dia, acabar com a pressão para quitar o compromisso, deixar de pagar juros altos. Atitudes que farão bem não apenas para o bolso, mas para a saúde e a alma também.

Mas nem sempre a história do endividamento acaba e tem um final feliz nessas mesas de negociação. Muitas vezes o alívio é momentâneo, por alguns meses talvez, se o consumidor não tomar outras iniciativas de aspecto comportamental, de mudança de seus hábitos para evitar entrar novamente no vermelho.

A consultora e especialista em comportamento humano, Rebeca Toyama, para tornar a orientação mais didática, faz um paralelo da situação do endividamento com uma pessoa que passou a ter dor de cabeça e toma um analgésico para melhorar. O analgésico é o feirão. Ele vai aliviar ou fazer passar a dor, assim como o feirão vai aliviar a situação financeira do devedor. No entanto, se essa pessoa não descobrir a causa da dor de cabeça, que pode ser seus hábitos alimentares, noites mal dormidas, algum problema de visão entre outras, e decidir atacar o problema, essa dor de cabeça vai voltar.

A mesma providência deve ser tomada pelo devedor ao procurar descobrir as causas que o levaram a ficar sem condições de honrar seus compromissos e, portanto, inadimplente. “Essa renegociação tem de ser um divisor de águas tanto no sentido de refletir sobre os atos que o levaram a se endividar como de ter propósitos firmes para mudar”, diz a consultora. “Uma pessoa não pode ficar dependendo de feirões nem de receber o 13º para acertar suas contas”, complementa. É preciso agir antes de chegar às dívidas impagáveis.

A especialista também chama a atenção que ao promover essa mudança, o consumidor deve ter a consciência de que o ideal não é haver empate entre o que ganha e o que gasta, mas sim em ter como meta a formação de uma reserva para situações inesperadas e para o futuro. “O saudável não é ficar no

zero a zero, mas sim mudar o comportamento para gerar uma poupança”, argumenta. Para ela, é preciso pensar que um dia a renda de cada mês pode ser reduzida com a perda de emprego, surgimento de uma doença, uma separação de casal, ou até mesmo cessar com a chegada da aposentadoria. Essas situações não devem pegar ninguém desprevenido, daí a importância dessa conscientização.

Um passo importante de transformações pode ser tomado de imediato, já neste Natal. Logo após a renegociação da dívida, nada de cair na tentação de sair comprando presentes para a família, amigos, afilhados. “Pense que o melhor presente que você pode se dar é viver sem contas, sem dívidas. As pessoas que nos querem bem vão querer também o nosso bem-estar”, recomenda Toyama. Em vez de presente, ela sugere promover um encontro, preparar um almoço, um café com um bolo e apostar no convívio com as pessoas queridas.

Feirão da Serasa

Vai até o dia 1º de dezembro a Feira Limpa Nome do Serasa Consumidor, que acontece pela plataforma online da empresa. Segundo os organizadores no ano passado, mais de 1 milhão de pessoas renegociaram suas dívidas e com descontos que podem chegar a 95% do total. Quem tem dívidas e contas em atraso, que já foram ou não enviadas para os bancos de dados das entidades de proteção ao crédito, contam com essa possibilidade de renegociar os seus débitos pelo computador, tablete ou celular. Nesta edição estarão presentes empresas como Itaú, Claro, Vivo, Net, Recovery, Tribanco, Porto e Ipanema.

Segundo Lucas Lopes, gerente do Serasa Limpa Nome, essa é a oportunidade das pessoas negociarem suas dívidas com facilidade e segurança. “O feirão é um momento esperado pelos consumidores e agora ficou ainda melhor na versão online. Durante todo o mês de novembro, os parceiros integrados em nossa plataforma ofertarão condições especiais para quem quiser pagar suas dívidas”, afirma Lopes.

Para participar, basta acessar <https://www.serasaconsumidor.com.br/limpa-nome-online/>, lá os consumidores encontrarão todos os detalhes do feirão, empresas parceiras e como participar. Ao se cadastrar, o usuário será direcionado a uma página na qual estarão listadas as dívidas e que podem ser negociadas com as empresas participantes. Também serão apresentados os canais de atendimento (telefones, e-mail, chat) disponíveis pelos credores e, em alguns casos, ofertas pré-estabelecidas através de boleto bancário ou até mesmo, simular a melhor condição de pagamento e gerar o boleto de forma online.

O consumidor precisa fazer um bom planejamento antes de negociar uma dívida, colocando na ponta do lápis todas as despesas fixas e as dívidas já

assumidas ou previstas. Assim, é possível saber quanto deve sobrar para pagar a nova dívida que será negociada (ou mais, se for o caso), escolhendo quais as condições e formas de pagamento melhor se encaixam no orçamento.

Dados da inadimplência

Segundo estudo desenvolvido pela Serasa Experian, em setembro de 2018, o número de consumidores inadimplentes no país chegou a 61,4 milhões, 1,51% a mais do que em setembro de 2017, quando eram 60,5 milhões. O montante alcançado pelas dívidas no nono mês deste ano foi de R\$ 274,1 bilhões, com média de quatro dívidas por CPF, totalizando R\$ 4.462,00. A maior concentração dos negativados tem entre 41 e 50 anos (19,8% do total). Em segundo no ranking de participação entre os inadimplentes estão pessoas de 61 anos ou mais, que correspondem por 14,4% do total. Os homens representavam 50,8% dos inadimplentes em setembro/2018. A maioria das dívidas foi contraída junto aos setores bancários e de cartão de crédito (28,5% do total). O setor de *utilities* (energia elétrica, água e gás) respondeu por 19,1% do total de débitos em atraso. O setor de telefonia alcançou 11,8% do montante. Já o setor de serviços respondeu por 10,5% da inadimplência.